

**QUESTIONANDO O FUTURO DAS CIDADES: UMA
PERSPETIVA SOCIOLÓGICA**

Isabel Guerra
Investigadora do DINAMIA/CET

Num contexto tão conturbado, é possível prospetivar o futuro?

Todos os conferencistas iniciarão a sua intervenção neste colóquio, intitulado *Social Transformation on Future Cities*, interrogando sobre a sua capacidade de prospetivar o futuro, não apenas num contexto de incerteza mas num contexto de risco dado que face as mudanças que atravessamos não sabemos onde estamos nem para onde vamos tal o turbilhão de transformações em que estamos mergulhados. Por isso, a história recente da prospetiva mostra uma mudança radical de orientação. Numa vintena de anos passou-se de uma fase de certezas na qual se lhe pedia projeções que previssem (geralmente em termos quantitativos) as necessidades das nossas sociedades, para uma fase de *incertezas* na qual nos interrogamos sobre o papel dos atores, o futuro das estruturas que herdámos, e nos confrontamos – através de opções que se pretendem consensuais mas dificilmente o serão – com os futuros desejáveis e os futuros possíveis. É nesse sentido, que tem toda a pertinência refletir sobre o futuro pois temos a noção cada vez mais clara que ele depende da vontade humana e não do destino e, muito particularmente, parece evidente que o futuro das cidades depende, em larga medida, dos consensos que se conseguirem estruturar em torno de formas habitacionais e urbanas que, na fase anterior, escaparam em larga medida ao controle público, pelo menos em Portugal.

A importância crescente das cidades, advém não apenas da estruturação dos territórios mas da produção de inovação e de modernidade que irão decidir em larga medida o nosso futuro. Hoje mais de metade da população mundial vive em cidades e uma vintena de cidades tem mais de 5 milhões de habitantes sendo que metade delas se situam no sul.

A concentração nas cidades do essencial do crescimento económico, e a atração que traz às populações, originarão que será nas cidades que se colocarão os problemas mais sérios da humanidade : a utilização dos recursos de água cada vez mais raros, a poluição e a luta contra o efeito de estufa, a rarefação dos carburantes fósseis mas e sobretudo a ameaça de fraturas sociais profundas, a insegurança a guetização de certos espaços, etc

O interesse sobre o futuro da cidade: da nostalgia do campo ao triunfo das cidades

Durante muitas décadas havia na academia, pelo menos ao nível das ciências sociais, posições algo críticas face à cidade. Por um lado, assistia-se à alguma nostalgia do campo, criticando-se as cidades pelo seu anonimato, destruição de modos de vida mais comunitários, degradação ambiental, etc e procurava-se o “campo na cidade” através de modelos urbanísticos de retoma de um ambiente ecológico onde as “cidades jardins” e as “cidades de bairros” eram uma referencia importante. Por outro lado, alguns cientistas iam apontando para o inevitável fim das cidades face a uma globalização, que provocava o

crescimento das áreas urbanas e sobretudo difundia tecnologias que permitiam o diluir da cidade, substituído pela emergência de um espaço urbano extensivo que provocaria o “fim da geografia” e exigiria a multiplicação de formas de circulação que provocariam a “morte da distância” (Cairncross, 1997¹; Ascher:2001²; 2009³).

Em simultâneo, um conjunto de estudiosos tentava vislumbrar essa cidade do futuro através de ensaios de prospectiva: recordem-se os trabalhos de François Ascher sobre a modernidade da Metapolis⁴ de Philippe Haeringer sobre a *megapolisação* do mundo⁵, de Pierre Veltz sobre a cidade de arquipélagos⁶, de Olivier Mongin sobre a morte da cidade⁷ e de vários trabalhos de Saskia Sassen sobre as cidades-mundo⁸.

A visão mais ou menos catastrófica de Thierry Gaudin em 1990, no livro « 2100 récit du prochain siècle »⁹ mostra a dimensão negativa que no final do século passado se atribuía ao crescimento desmesurado da cidade que seria palco de três cenários sucessivos até final do século XXI:

- os anos 2000-2030 seriam caracterizados pela emergência dos « selvagens urbanos” devido à entrada na cidade de forma maciça dos imigrantes rurais advindos dos vários continentes que originariam grandes manchas de pobreza, de desintegração social, o extremar das guerras religiosas, as dificuldades controle social e a “tomada de poder” de grupos “underground” que tomariam conta da economia informal ;
- nos anos 2030-2060 assistiríamos ao declínio das megalópoles pois tornando-se inviáveis do ponto de vista ecológico e dos modos de vida, os cidadãos tenderiam a localizar-se em pequenas cidades médias com bons transportes e ambiente urbano mais calmo e amigável;
- os anos 2060-2100 seriam caracterizados pela presença de cidades invisíveis : cidades que seriam fruto de eleitos (e promotores) iluminados criando cidades artificiais,

¹ Frances Cairncross, 1997, *The death of distance :how the communications revolution will change our lifes*, Harvard Business Press, UK

² François Ascher,2001, *Les nouveaux principes de l’urbanisme. La fin des villes n’est pas à l’ordre du jour*, l’Aube, Paris

³ François Ascher e outros, 2009, *Organiser La Ville Hypermoderne*, Editor: Parentheses, Paris

⁴ Francois Ascher,2010 (2ª ed), *Metapolis.Ou l’avenir des villes*, Ed. Odile Jacob, Paris

⁵ Philippe Haeringer, 2002, *La refondation megapolitaine.Une nouvelle phase de l’histoire urbaine*, IRD, França

⁶ Pierre Veltz, 1998 *Economia mundial: uma economia de arquipélago*, Bizancio, Lisboa

⁷ Olivier Mongin, 2005, *La condition urbaine, la ville à l’heure de la mondialisation*, Seuil, Paris

⁸ Com numeras obras publicadas Sassen vai atualizando o seu pensamento. O seu livro mais célebre *The global city : New York, London, Tokyo* (Princeton : Princeton University Press, 2001) sendo de 1991 tem várias actualizações nas edições posteriores.

⁹ A edição de *2100, Récit du prochain siècle* Payot tem várias versões ver por exemplo Thierry Gaudin, **2100, Odyssée de l’Espèce. Prospective et programmes du 21^e siècle**. Paris: Éditions Payot et Rivages, reeditada em 2003.

modernas que tenderiam a responder aos desejos dos cidadãos abastados, que procuram a paz a harmonia, a cultura, o lazer sofisticado. Essas novas cidades, algumas construídas de raiz em sítios inesperados, seriam competitivas entre si através da oferta de lazer, da cultura e da sofisticação que oferecem.

As visões mais ou menos catastrofistas do final do século XX parecem hoje afastadas após a aceitação generalizada da realidade urbana-metropolitana que é apanágio de todos os países e continentes. A discussão realiza-se sobretudo na dimensão ecológica e de governação através de um debate alargado sobre o controle da cidade difusa e espraiada e a defesa da “cidade concentrada” considerada mais ecológica e governável.

Mais recentemente, e surpreendentemente, a admiração pela cidade começa a emergir nos discursos universitários. Ora a discussão sobre a importância da cidade moderna não poderia ser mais atual e torna-se útil citar Edward Glaeser (2011)¹⁰ num livro de grande projeção na atualidade embora bastante controverso. Para este autor a importância das cidades repousa em três evidências :

. A manutenção do reforço de um movimento de concentração da população: A importância crescente que é dada à cidade, quer nas políticas públicas quer nos meios académicos, repousa em larga medida no reconhecimento da urbanização crescente das populações em todos os continentes.

. A capacidade de produtividade, de oportunidade de mobilidade social, e de satisfação das pessoas oferecida pela vida urbana. A defesa do papel central da cidade não advém apenas da prova empírica de que a população mundial é cada vez mais urbana mas dos inúmeros estudos que mostram a relação entre o grau de urbanização e a produtividade, a satisfação das populações, as oportunidades de mobilidade social.

. O reconhecimento de que o vigor da cidade não advém apenas das razões económicas mas reside largamente na cidade relacional onde complexas redes de relações sociais geram meios inovadoras. O conhecimento e a inovação têm uma base física, resultado de complexas interações entre clusters económicos, interação de valores e culturas.

Esta atitude maioritária de admiração pela cidade é de alguma forma recente, e surpreendente e Edward Glaeser (2011:7)¹¹ baseia a defesa da sua tese num argumento poderoso. “*Há uma correlação perfeita entre urbanização e prosperidade das nações. Em média, com o crescimento de 10% da urbanização, o pib per capita do país cresce 30%. O rendimento*

¹⁰ Edward Glaeser, 2011, *The Triumph of the city*, MacMillan, Nova York

¹¹ Edward Glaeser, 2011, *idem* nota anterior

per capita é quase 4 vezes mais alto nos países onde a maioria da população vive em cidades do que nos países onde a maioria das pessoas vive em áreas rurais”.

A concentração de mais valias económicas, de capital humano e outro fazem da cidade, cada vez mais a base de sustentação do modelo de crescimento actual: “...mas se a urbanização depende da mobilização de mais valias produtivas, uma íntima conexão emerge entre o desenvolvimento do capitalismo e a urbanização” (Harvey, 2008: 24¹²).

Interrogamo-nos porque é que se concentra nas grandes metrópoles as dimensões mais inovadoras da criatividade económica mas não só, cultural, artística. Sugere-se que o conhecimento e inovação têm uma base física, resultado de complexas interações entre clusters económicos, interação de valores e culturas envolvendo residentes, estudiosos, políticos, artistas e múltiplas formas e oportunidades de aprendizagem em contexto de interacção (Mario Polèse e Richard Stren: 2000¹³).

Claro que as inovações não se produzem da mesma forma em todos os territórios e a forma como estes reagem determina também a “força dos lugares”. É neste sentido que as políticas “locais” são centrais na compreensão das encruzilhadas da cidade, procurando as “vantagens competitivas” dos lugares não apenas em termos produtivos mas também na qualidade de vida dos residentes que é como se sabe um factor de localização das empresas modernas. Para alguns (Sassen, 2002¹⁴, Glaeser, 2011¹⁵, Bourdin, 2010¹⁶) a cidade moderna assume importância crescente nomeadamente devido aos factores de proximidade e de coexistência plural que estão no centro do processo de inovação. É essa proximidade e bem-estar que torna as cidades amigáveis onde a vida urbana se constitui como um factor de localização para as actividades mais significativas de inovação, sendo neste círculo virtuoso entre proximidade, criatividade e bem-estar que as metrópoles actuais se tornaram pólos crescentes de produção de modernidade.

Este processo não decorre sem contradições e é ainda Glaeser (2011: 6) que escreve, “O sucesso e insucesso de Nova York introduz-nos ao paradoxo central das metrópoles modernas-a proximidade é cada vez mais valiosa à medida que os custos das distâncias cai, a história de Nova York é única na sua grandiosidade mas o elemento chave que projectou a cidade para um crescimento espectacular, triste declínio e renascimento sem precedentes pode ser encontrado em

¹² David Harvey, 2008, The right to the City, in New Left Review, nº53, pp.23-40.

¹³ Mario Polèse e Richard Stren, 2000, The social sustainability of cities, Diversity and the Management of Change, University of Toronto Press, Canada

¹⁴ Saskia Sassen, 2002, Global networks, linked cities, Routledge, USA

¹⁵ E, Glaeser, opus cit.

¹⁶ Alain Bourdin 2010, L’urbanisme après la crise, Ed. L’Aube, Paris

idades como Chicago, Londres, Milão... As cidades são a ausência de espaço entre as pessoas e as empresas. São proximidade, densidade, estar juntos. Permite-nos trabalhar e distraímo-nos juntos, e o seu sucesso depende da procura de conexão física”.

De facto, reconhece-se que as mais importantes questões e desafios da sociedade moderna têm lugar em pleno contexto da vida urbana. Em síntese, discutir a cidade é importante porque – é polo de inovação e de geração de riqueza e nesse sentido decidirão o destino da humanidade de amanhã e porque – pela sua dimensão e complexidade colocarão os problemas mais sérios da humanidade.

Transformações sociais e transformações urbanas

São muitas as transformações sociais, e as transformações urbanas que delas decorrem embora de forma não linear. As mais frequentemente citadas são:

- . A importância das *transformações demográficas*: envelhecimento, declínio da natalidade, profunda diversificação das estruturas familiares que arrastam novos modos de vida, etc.
- . Mudanças nas *formas de trabalhar*: trabalho ao domicílio, trabalho feminino fora de casa, mudanças de localização dos empregos, etc.
- . Mudança nas *condições de vida*: instabilidade polarização de rendimentos sendo que alguns terão rendimentos e consumos muito elevados; aumento de expectativas de consumo de luxo, etc.
- . Mudanças *individuais e identitárias*: processo de individualização, alteração das formas e locais de socialização, complexidade e multiculturalidade nos modos de vida, etc.
- . Mudanças na *vida coletiva*: Dificuldades em comprometimentos coletivos, revoltas coletivas espontâneas, desconfiança nos outros e na governação, novos movimentos sociais, etc.

São diversas as mudanças, variadas e interpenetradas, manifestando-se de diferentes formas nos diferentes grupos sociais e todas elas com grandes impactos urbanos e nas formas de uso do habitat. O tema sobre o futuro das cidades e da sua população é muito vasto e assim centremo-nos em três variáveis de cariz sociológico:

- . Os impactos urbanos das dinâmicas demográficas: de um espaço coletivo à negociação do espaço de cada um no contexto de processo de individualização,
- . Impactos urbanos das mudanças culturais: a importância crescente da casa para os novos modos de vida,
- . Os impactos urbanos da vida coletiva: somos tão diferentes, poderemos viver juntos?

As transformações demográficas e da estrutura das famílias : conciliação entre o espaço coletivo e o espaço individual

As importantes alterações demográficas que começam a ser mais visíveis neste início de século, estavam há muito presentes mas a sua deteção pelos analistas científicos só agora começa, a ser estudado bem como o seu impacto. Trata-se não apenas de questões quantitativas relacionadas com o declínio da população europeia mas também de profundas transformações culturais ligadas aos modos de vida e às formas organizativas das famílias todas elas com profundos impactos nas morfologias habitacionais, localização da casa e do bairro, na estrutura da cidade e princípios do urbanismo.

Na Europa, as variáveis mais evidentes que influenciam as tendências demográficas é o envelhecimento da população e os novos tipos de família incluindo o aumento das famílias unipessoais. Não se trata apenas do declínio demográfico mas também da transformação acentuada da estrutura das famílias e dos modos de vida familiares:

. Diversidade e complexificação das estruturas familiares: famílias recompostas, famílias monoparentais, famílias de casais separados com os filhos utilizando as duas casa dos progenitores, famílias complexas, “living apart together”, coabitação pessoas sem relação familiar.

. Aumento do número de pessoas vivendo sós (não apenas idosos).

. A alteração das formas de sociabilidade, a pertença a redes múltiplas pois a inserção social dos indivíduos tende a efetuar-se numa variedade maior e mais instável de grupos sociais gerando uma maior diversificação das relações sociais¹⁷.

Os impactos urbanos dos novos modos de vida são significativos e traduzem-se na alteração de uma vida familiar organizada em torno da relação entre casa e trabalho para uma vida de grupo onde cada membro da família tende a procurar a sua própria especificidade nas formas de uso da casa e da cidade. Face a estas transformações, não apenas são necessárias mais habitações (para os “desdobramentos” familiares e pessoas que vivem sós) como o espaço da casa torna-se mais multifuncional e sai valorizado para o lazer e sociabilidade. Como refere Sandra M. Pereira (2011.47), “Se a história fosse uma linha de sentido único, tudo levaria a crer que os modos de habitar continuariam o caminho da afirmação do indivíduo, do reforço da informalidade, de uma deliberada permeabilidade dos espaços e da simplificação da vida doméstica. Só que a história não é de facto uma linha de sentido único e menos ainda

¹⁷ Segundo Ascher não é uma dessocialização, mas uma socialização mais complexa e, no limite, talvez até menos frágil pois baseada em laços – talvez mais ténues – mas mais numerosos.

uma narrativa com episódios repetíveis.¹⁸ Mas também a cidade vai oferecendo diversidades de funções e sobretudo de actividades de lazer para corresponder aos vários tipos de necessidades e expectativas dos vários grupos sociais, idades e formações. Nesta alargada fruição da cidade os sistemas de mobilidade renovam a sua importância.

A importância crescente da casa no trabalho e no modo de vida

Um dos traços mais salientes que a pesquisa sociológica tem vindo salientar refere-se ao aumento da importância da casa no modo de vida que é concomitante com algum efeito de valorização estética e funcional da habitação tornando-se esta cada vez mais complexa em funções e equipamentos.

Por isso se discute-se o potencial efeito de um fechamento em casa, na busca de uma protecção essencial¹⁹ associado à necessidades de espaços individuais gerado pelos processo de individualização dos modos de vida mas também pelo reforço dos laços familiares face a situações de crise ou ainda pela impossibilidade financeira de acesso à fruição da cidade.

Mas a habitação e o bairro vão assumindo uma importância crescente no modo de vida e absorvendo novas funções nomeadamente o aumento do trabalho em casa, espaços para estudo, lazer, sociabilidade, etc já sem esquecer que continua a ser um objecto simbólico que define um determinado estatuto social.

A retoma da casa como dimensão funcional e simbólica de enraizamento socio-afectivo tem expressão diferentes nos vários grupos sociais mas, para todos, se assiste à sua preparação para a multifuncionalidade de funções e usos pelas várias gerações tornando-se cada vez mais complexa e exigente no desenho dos espaços e das suas articulações.

A cidade e a democracia: a polarização social

Nas cidades europeias, embora menos que as americanas ou africanas, são visíveis os sinais de uma segregação e polarização social. Hoje, a crise tem vindo a agravar das desigualdades constatando-se nas metrópoles de todo o mundo o aumento de fenómenos de segregação espacial a partir do aumento de construções informais de má qualidade,

¹⁸ Sandra Marques Pereira, 2011, Cenários do quotidiano doméstico dos modos de habitat in Ana Nunes de Almeida (coord) Historia da Vida Privada, Circulo dos Leitores

¹⁹ Ver o célebre livro de Simmel, 1979, Metrópole e vida mental, Otávio Guilherme (org.) in Fenómeno Urbano, Zahar Editores, Rio de Janeiro.

Ver ainda Maria João Freitas, 1994, Os paradoxos do realojamento, in Sociedade Território, nº 20, pp.26-34

a degradação do habitat, a sobreocupação, etc. Se há complexidade e multiculturalismo como características de diversidade que é apanágio desde sempre das cidades também há estigmatização, polarização social e coexistência sem interação entre os vários grupos sociais e/ou étnicos. Confiança e inseguranças são dois movimentos presentes e como refere Teresa Sá²⁰ coexiste nas cidades a mixofobia (onde os estranhos devem ser evitados) e a mixofilia (desejo de mistura com as diferenças), e, segundo a sua visão de cidade, o que há a fazer é contribuir para aumentar a mixofilia. Trata-se de viver o bairro/a cidade através de uma multiplicidade de interações com o *outro*, através de saudações fugazes, frases soltas, gestos, olhares... Como afirma Lefebvre (1968) o bairro não define a realidade social, mas é uma unidade necessária, pois que sem bairros, sem ruas, pode haver aglomeração, tecido urbano, megalópole mas não haverá cidade²¹.

Esta cidade relacional de que se falava pode ganhar mas frequentemente perde e todos temos experiência pessoal de acontecimentos extraordinários vividos nestas cidades incessantemente promissoras de cultura, de bem-estar de animação coletiva ao mesmo tempo de drama, de receio, de tristeza. Adaptando mais uma vez Glaeser (2011), por cada avenida da Liberdade há um Casal de Cambra, por cada cidade universitária há uma escola secundária da periferia onde os alunos se agriem diariamente, para cada Teatro da Trindade há um casebre onde vive um família que não consegue pagar a luz. Mas como escreve ainda Glaeser (2011: p.9): *“As cidades não fazem as pessoas pobres; atraem as pessoas pobres”*. (constatação que, apesar de tudo, não nos resolve o problema da segregação sócio-espacial). A cidade é feita destas contradições e rupturas sociais, políticas e culturais porque quem faz a cidade é uma miríade de actores de interesses desiguais cuja confrontação se faz sobre a batuta do estado e das autarquias.

A cidade reflecte o nosso projecto de sociedade. Uma sociedade desigual reflecte-se numa cidade desigual e assiste-se ao agravamento das desigualdades nas metrópoles do mundo : deficientes condições de alojamento, guetização dos bairros críticos, insegurança urbana, etc, sendo que o espaço é a “sala de visitas” da nossa vida coletiva, ele espelha os nossos projetos, as nossas opções, os nossos valores e os nossos conflitos. Nesse sentido, a intervenção sobre o espaço é uma intervenção sobre o nosso projecto colectivo como sociedade e, portanto, condiciona a vida dos cidadãos. O espaço é considerado como uma das variáveis que estrutura os modos de vida e não sendo variável explicativa de per si, potência ou dilui outras conflitualidades sociais e há poucas políticas para contrariar esta segregação urbana.

²⁰ Teresa Sá, 2012, Ainda há bairros na cidade? In Manuela Mendes e outros (org) A cidade entre Bairros, Caledoscópio, Lisboa

²¹ Henry Lefèvre, 1968, Le droit à la ville, Antrophos, Paris

A democracia urbana exige com urgência novas formas de gestão da cidade onde os seus habitantes, todos sem exceção, se sintam membros de pleno direito mas e sobretudo é de considerar que o maior desafio é quebrar o anonimato, tonar a sociedade e a cidade uma complexa rede de interações (comerciais, funcionais e emocionais,) Este desafio tomado seriamente exigiria uma profunda revisão das nossas políticas urbanas e exigem aos políticos e urbanistas o repensar de um projeto político para a polis.

O conhecimento interdisciplinar e participado

A complexidade dos problemas, a multidimensionalidade da mudança e o nosso desconhecimento sobre o futuro exigiram o reforço do conhecimento interdisciplinar sobre a cidade e os seus impactos sobre os vários grupos sociais. Muitos destes problemas são complexos, multidimensionais e socialmente relevantes, e não temos todos necessariamente a mesma perspectiva. As soluções não estão apenas numa disciplina mas num olhar complexo e sistémico que integre académicos, técnicos de terreno e populações.

As pesquisas a realizar sobre o futuro das Cidades deveriam ser socialmente relevantes e fornecer soluções que aumentem o bem—estar urbano, a qualidade de vida dos residentes e preparem a cidade para receber a pós-modernidade (seja lá o que isso quer dizer). As soluções estão para além do conhecimento de qualquer disciplina individual e necessitariam de trabalho interdisciplinar mas também de incorporar conhecimentos não académicos, conhecimentos práticos, capazes de resolver problemas que se prolongam no tempo sem solução. Mas ainda, é fundamental incluir os principais atores locais com experiências suficientes para darem conta dos elementos estratégicos para a mudança e dos seus impactos nos vários grupos sociais e etários.

A pesquisa interdisciplinar deverá integrar informações, métodos e conceitos de diversas disciplinas e fazer interagir com outras formas de conhecimento que intervêm no mesmo problema ou que sobre ele têm “evidence based practices”. As autarquias têm aqui um papel fundamental na associação de grupos e pessoas em torno de problemáticas chave e também na avaliação dos impactos das mudanças nos modos de vida e bem-estar das populações.